

Madonna Antropofágica?: (trans)territorialidades da música pop no álbum "Madame X"¹

Luan Correia Cunha SANTOS²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Como é possível interpretar estéticas antropofágicas no álbum “Madame X” de Madonna? Neste trabalho, consideramos a Antropofagia, cunhada por Oswald de Andrade, como uma teoria cultural de exportação (Rocha, 2011; Rouanet, 2011) e tomamos como objeto de estudo, o álbum musical da cantora lançado em 2019. Com elementos estéticos críticos que aderem a um constante consumo de identidades da América Latina e África, os deslocamentos de Madonna a fizeram como uma das artistas que evidenciam e materializam um "entre-lugar" e as perspectivas moventes que caracterizam a Antropofagia como uma Teoria de Exportação.

PALAVRAS-CHAVE: Madonna; Antropofagia; Madame X; Música Pop.

Introdução

Liberdade é o que você escolhe fazer com o que foi feito com você. Eu me revolto (Madonna, 2019a)

Quando o nome Madonna chega aos seus ouvidos, o que você pensa? Que músicas você lembra? Que imagens sua cognição produz? Em 2019, aos seus 61 anos de idade, Madonna lançou o disco “*Madame X*”, tido por muitos críticos como um dos mais experimentais de sua carreira. Neste trabalho, buscamos problematizar seu processo de produção por meio de uma obra que atualiza o movimento antropofágico modernista.

Este trabalho começou enquanto estudávamos antropofagia (Santos, 2019, 2020) em busca de atualizar o movimento criado por autores brasileiros na década de 1920 para uma linguagem híbrida de *podcast*, mesclando elementos sonoros com aspectos da internet. Estávamos experimentando a "escuta antropofágica" no novo disco de Madonna, lançado em junho de 2019. Em uma primeira escuta linear, ao chegar no meio do disco, percebíamos o quão contemporâneo e próximo era o trabalho com o que

¹ Trabalho apresentado no GP 12 Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Professor efetivo do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre - UFAC, email: luan.correia@ufac.br

propúnhamos em termos sonoros para nosso *podcast*. A problematização veio logo em seguida: Como Madonna produziu um trabalho de estética antropofágica?

Desde então cartografamos todas as notícias sobre Madonna publicadas no site brasileiro de notícias pop - *popline*³. Nele coletamos dados sobre a produção e repercussão do álbum “*Madame X*”. Analisamos seus relatos presentes no documentário “*The World Of Madame X*”, divulgado meses após o lançamento do disco pela produtora *Amazon Prime*. Começamos a criar conexões entre as enunciações de Madonna, dos modernistas e as leituras bibliográficas antropofágicas.

Para que pudéssemos interpretar a obra de Madonna tendo como base a teoria cultural Antropofágica (Rocha, 2011), assumimos algumas premissas cunhadas por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. A Antropofagia começa a despontar no início da década de 1920, quando uma elite brasileira se desloca para Europa em busca de formação e, a partir de seu contato desconfortável com outra civilização, começam a se voltar para a busca de forjar uma brasilidade (Faria, 1999).

Por fazer parte do modernismo brasileiro, o movimento antropofágico tinha como uma de suas intenções pensar a posição do Brasil diante do mundo. A teoria não apenas busca romper com uma linha de estudos científicos e produções artísticas estrangeiras, especialmente de origem europeia, pautadas na determinação das raças, como também entrou em uma empreitada para forjar uma identidade para um Brasil e América-latina que se apresentavam diferente do então modelo civilizatório conhecido (Athias, 2007).

Porém, diferente de outras vanguardas, a Antropofagia não deixava de pensar o estrangeiro e sua cultura. Sua estética se diferenciava do movimento pau-brasil e compreendia um país colonizado e que por anos teve como base de sua economia um sistema escravagista. Por conta de nosso histórico de formação social, “o outro”, sua cultura e sua influência no nacional, era algo a ser considerado. Talvez por tal concepção tenha se consolidado como uma das vanguardas mais bem-sucedidas de sua época e mais revisitadas na atualidade.

A exaltação e legitimação do popular, enquanto aquilo que vinha do povo e sua coletividade era encorajada. Se na Europa havia um modelo harmônico, em terras brasileiras a pretensão de valorização era voltada ao conhecimento intuitivo. Rompe

³ portalpopline.com.br

com uma ideia de “consumo passivo” da cultura europeia, celebrando o canibal tupi por seu poder transformador, por sua capacidade de “criar instabilidade, o conflito, em vez de um resultado, uma conclusão ou síntese” (Couto, 2009, p. 342).

Silviano Santiago caracterizou a empreitada de Oswald como “sabotagem estratégica” da forma como os colonizadores impunham seus códigos culturais e sociais e a maneira como estes eram “inseridos” na América Latina. Segundo o autor, a maior contribuição para a sociedade ocidental moderna é a forma como se instaurou aqui uma zona de “entre-lugar”, por meio do desvio da norma e sua característica ativa e destituída dos padrões europeus imutáveis (Santiago, 1978).

Desta forma, podemos chegar a quatro traços antropofágicos que nos guiam em nossa interpretação da obra de Madonna, sendo eles: a) adesão ao primitivismo; b) constante consumo de identidades e; c) efetivação de um “entre-lugar” situado entre as culturas tidas como centrais e periféricas (Santos, et. al, 2018). Com base nesses traços, é que buscamos compreender como Madonna atualizou a estética antropofágica em seu novo álbum.

(des)territorializações éticas e críticas

No dia 30 de agosto de 2017, o portal *popline* divulgava que Madonna estava oficialmente morando em Portugal. O deslocamento projetou em Madonna novas inspirações e percepções éticas, a fazendo querer compor sobre outros temas, e trabalhar a cultura contemporânea portuguesa no processo de composição de seu álbum. Como diz a matéria "Morando em Portugal, Madonna está inspirada em trabalhar novas músicas", em uma postagem no *Instagram* no dia 05 de setembro de 2017, a cantora escreve a legenda "A energia de Portugal é tão inspiradora, eu me sinto muito criativa e viva aqui e mal posso esperar para trabalhar em meu novo filme '*Loved*' e fazer nova música! Esse será o próximo capítulo de meu livro. Está na hora de conquistar o mundo de um ponto de vista diferente".

Assim como todas as etapas de produção do disco, a divulgação teve início oficialmente também pelo *Instagram*. Madonna publicou nove fotos em formato de mosaico na rede social digital, que juntas formavam um "X". No *spotify* (plataforma de

streaming de conteúdos sonoros), ainda em abril de 2019, a cantora criou uma *playlist* intitulada "Madame", também já dando indícios da nova era^{4 5}.

Até que no dia 13 de abril, o nome "*Madame X*" foi pela primeira vez revelado, seguido de uma legenda descritiva, que explicava a personalidade de seu novo alter ego.

Madame X é uma agente secreta, viajando pelo mundo, mudando de identidades, lutando por liberdade. Trazendo luz para lugares sombrios. Ela é uma instrutora de cha cha. Uma professora. Uma chefe de estado. Uma dona de casa. Uma equestre. Uma prisioneira. Uma estudante. Uma professora. Uma freira. Uma cantora de cabaré. Uma santa. Uma prostituta⁶.

Assim como em outros trabalhos antropofágicos, as referências aos constantes deslocamentos se dão não apenas no processo de constituição da obra e da própria ética deliberativa do sujeito artista, mas também dentro de seu próprio texto. Vemos isso em Madonna quando apresenta seu alter ego como uma mulher que viaja pelo mundo. Também se relaciona a construção identitária.

Para os modernistas, o deslocamento permite um movimento de alteridade capaz de atualizar as construções de identidades. É comum em obras antropofágicas que esta seja construída em movimentos intensos e rápidos e seja tratada como uma questão plástica, sem centralidade dentro da narrativa, fugindo assim de algo também normatizado. As conexões identitárias são constituídas nas subjetividades estéticas em movimento, em constante consumo. Assim temos, uma professora, instrutora de cha cha, chefe de estado, dona de casa, equestre. Madonna brinca com as várias facetas que pode assumir, da mesma forma que Mário de Andrade fala sobre um herói sem caráter na obra "Macunaíma" (SANTOS, 2019).

MADAME X: Do primitivismo sonoro ao "entre-lugar" da música pop

⁴ Disponível em:

<https://portalpopline.com.br/x-madonna-posta-imagem-misteriosa-e-da-inicio-a-especulacoes-sobre-album-novo/> Acesso em 10/02/2023.

⁵ Disponível em:

<https://portalpopline.com.br/madame-madonna-cria-playlist-no-spotify-e-pode-ter-dado-dica-subliminar-sobre-novo-album/> Acesso em 10/02/2023.

⁶ Disponível em: <https://portalpopline.com.br/madonna-confirma-alter-ego-madame-x-para-nova-era/> Acesso em 10/02/2023.

“Madame X” é aberto com a música “Medellín”, uma parceria com o cantor colombiano Maluma. A canção se inicia com sussurros da cantora que faz uma brincadeira entre a pronúncia dos numerais One-Two (um-dois, em tradução livre) e o ritmo Cha-Cha, de origem cubana.

Nos primeiros versos, o deslocamento da obra fica evidente na letra: “eu tomei um comprimido e tive um sonho, e voltei aos meus 17 anos, me permiti ser ingênua, ser alguém que nunca fui” (MADONNA, 2019a). Além de nos remeter viagens e movimentos, também nos indica fatores mágicos, como a volta no tempo e a transformação de Madonna. Dialoga sobre a ingenuidade nesse processo, que pode se relacionar com o primitivismo buscado pelos antropólogos, este que permitiria dar ritmo às suas narrativas.

Um dos traços característicos do movimento é sua adesão ao primitivismo. Este foi primeiramente pensado com base nos padrões eurocêntricos como um sinal de inferioridade dos povos colonizados por conta de sua organização social. Aquilo que era associado ao primitivo era considerado como algo negativo, de menor capacidade intelectual (Melo, 2010).

“Eu tomei um gole e tive um sonho, e acordei em Medellín. O sol estava acariciando a minha pele. Um outro eu pode começar agora” (Madonna, 2019a). No segundo verso, a viagem ganha uma dimensão geográfica ao falar especificamente da cidade Medellín, na Colômbia. A América Latina toma então um espaço protagonista nesta primeira canção, já indicando que estamos ouvindo uma produção diferente de suas anteriores. Dessa vez, os elementos primitivistas abrem possibilidades de temporalidades e espaços diferentes, assim como outras construções de identidades (MELO, 2010).

“Batuka” e “Killers who are Partying” “Crazy”, “Come Alive” “Extreme Occident” são músicas do “Madame X” que nos dá uma dimensão inicial da centralidade que a característica antropofágica do “constante consumo de identidades” assume neste projeto. Estando em Portugal, em 2019, e vivenciando um momento em que o país tem assumido diversas políticas para atrair migrantes, a cantora se vê tentada a experimentar não apenas ritmos tradicionais portugueses, mas por todo o encontro

cultural que os migrantes de países que foram colônias portuguesas, trazem ao fazer seu deslocamento para a Europa.

Portugal passa, no fim da década 2010 e começo da 2020, por intensa configuração de “entre-lugar”. Mesmo com uma brutal imposição de uma matriz cultural portuguesa, os países colonizados resistiram em seus elementos primitivos, e tiveram um ativo processo antropofágico de negociar o contato cultural. Essa negociação, se deu através de ganhos e perdas, atualizou ambos, mas certamente ocorreu de maneira ressignificativa, dispersa e desajustada. E graças a este desajuste, estas nações hoje conseguem oferecer alternativas à hegemonia europeia-estadunidense.

Neste sentido, encontramos a canção "Faz Gostoso". A canção é uma regravação da versão da MC portuguesa Blaya. A escolha da música, para além de sua estética sonora, já nos diz muito desse intenso fluxo de influências culturais. Se pensarmos o Brasil como fundador de um pensamento antropofágico, talvez dentro de Madame X, “Faz Gostoso” seja a música que melhor represente o “entre-lugar” brasileiro. Se levamos em consideração que a música tem como ritmo predominante o Funk, que surgiu nas favelas do Rio de Janeiro, como forma de protesto e ressignificação social, e acabou ganhando o mundo. Chegou a Portugal, país responsável por nossa colonização e conseqüentemente pela existência da própria favela, lá ganha centralidade entre os cantores, influência a “rainha do pop” que chama uma artista brasileira para regravar um Funk português, com elementos brasileiros adicionais.

Podemos ainda traçar outros paralelos entre os trabalhos de Madonna e as obras antropofágicas. A interpretação antropofágica que oferecemos neste trabalho sobre o “*Madame X*” não é a única possível, mas ela se torna significativa quando a tornamos concreta.

Pensar essas atualizações da Antropofagia nos faz problematizar: Qual o lugar do pensamento antropofágico na cultura pop contemporânea, um espaço mediado cada vez mais pelas tecnologias e que nos apresentam desterritorializações e propostas de aproximação com o outro distante? Será que a Antropofagia se encerra somente em uma vanguarda modernista? Com o “*Madame X*”, Madonna nos oferece a possibilidade de pensar o quão atual é o pensamento antropofágico, em todos os seus traços e rituais, para pensar quem somos enquanto sujeitos. Tão significativo quanto os contemporâneos de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral no modernismo brasileiro. Uma americana,

consagrada pelo padrão americano, nos oferece uma das maiores metas críticas ao cenário musical global, e uma das mais efetivas execuções antropofágicas, quase cem anos depois da criação da vanguarda.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropofágico**. Em A Utopia Antropofágica. 2 ed. Por O. de Andrade. São Paulo: Editora Globo, 1995. 47-52.

ATHIAS, Renato. 2007. **A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira**. Recife: Ed. UFPE.

BUTLER, Judith. **O que é crítica?** Um ensaio sobre a virtude de Foucault In: INGRAM, David (ed.). *The Political: Readings in Continental Philosophy*. Londres: Basil Blackwell, 2000.

MADONNA. **Madame X**. Santa Monica, Interscope Records. 2019. 1 CD.

MADONNA. **The Word of Madame X**. Direção de Nuno Xico. Seattle, Amazon Prime. 2019. 23 min. son., color.,

MELO, Alfredo Cesar. **Macunaíma: entre a crítica e o elogio á transculturação**. *Hispanic Review*, volume 78, number 2, Srping 2010, pp.205-227.

ROCHA, João Cezar de Castro. Uma teoria de exportação? In: RUFFINELLI, Jorge. ROCHA, João Cezar de Castro. **Antropofagia Hoje: Oswald de Andrade em Cena**. São Paulo: É realizações, 2011.

ROUANET, Sergio Paulo. Manifesto Antropofágico II. In: RUFFINELLI, Jorge. ROCHA, João Cezar de Castro. **Antropofagia Hoje: Oswald de Andrade em Cena**. São Paulo: É realizações, 2011.

SANTIAGO, Silvano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. In: Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.16. (1a. Edição 1978).

SANTOS, Luan Correia Cunha. AGUIAR, Lisiane Machado. Podcasting Macunaíma: Estética Antropofágica na Experiência de Adaptação da Obra de Mário de Andrade. In: **Pensares em Revista**, nº 18. p. 106-125. maio-agosto, 2020.

SANTOS, L. C. C; ARAÚJO, B. C. C; LIMA, A. S; AGUIAR, L. M. **Podcast antropofágico: Uma proposta metodológica para produções sonoras em Comunicação**.

In: Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom. 2018.

SANTOS, Luan Correia Cunha. **Podcasting Macunaíma**: Atualizações da Estética Antropofágica para a Linguagem Híbrida do Podcast. 2019.122f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima.